

## CAPÍTULO 2:

### PRODUTIVISMO, NEOPRODUTISMO E TRANSFORMAÇÕES RECENTES DO SETOR AGRÁRIO

*Alan Figueiredo de Oliveira<sup>1</sup>, Matheus Anchieta Ramirez<sup>2</sup>, Lúcio Carlos Gonçalves<sup>3</sup>, Ranier Chaves Figueiredo<sup>4</sup>, Dalvana dos Santos<sup>5</sup>, Agatha Bacelar Rabelo<sup>6</sup>, Tainá Silva Brandão Lopes<sup>7</sup>, Renato Henrique Ventura Pinto<sup>8</sup>, João Vitor Araújo Ananias<sup>9</sup>, Guilherme Lobato Menezes<sup>10</sup>*

#### Introdução

A lógica capitalista implementada após a Revolução Industrial levou a uma nova ordem na produção com a criação de linhas de produção, especialização, maximização da utilização da mão-de-obra e aumento da eficiência produtiva. O que resultou na padronização de processos e produtos com o fortalecimento das escalas de produção, o que ocasionou verdadeira revolução quanto ao volume de produção, padronização e qualidade de produtos, além da elevação da rentabilidade do capital.

Na agropecuária, foi a partir da segunda guerra mundial que este modelo ganhou destaque na produção de alimentos para as nações arrasadas pela guerra, em uma proposta de industrialização para a recomposição econômica. No pós-guerra apresenta parte de seus territórios arrasados e improdutivos, a mão de obra escassa como consequência do confronto. A saída para a recuperação econômica destes países foi

---

<sup>1</sup>Médico Veterinário, Mestrando em Produção Animal, Departamento de Zootecnia da Escola de Veterinária da UFMG, Caixa Postal 567, CEP 30123-970, Belo Horizonte, MG. alanfigueiredodeoliveira@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Médico Veterinário, DSc, Prof. Adjunto Departamento de Zootecnia da Escola de Veterinária da UFMG, Caixa Postal 567, CEP 30123-970, Belo Horizonte, MG. matheusarta@yahoo.com.br

<sup>3</sup>Engenheiro Agrônomo, DSc, Prof. Adjunto Departamento de Zootecnia da Escola de Veterinária da UFMG, Caixa Postal 567, CEP 30123-970, Belo Horizonte, MG. luciocg@vet.ufmg.br

<sup>4</sup>Médico Veterinário, MSc, Doutorando em Ciência Animal, Departamento de Tecnologia e Inspeção de Produtos de Origem Animal da Escola de Veterinária da UFMG, Caixa Postal 567, CEP 30123-970, Belo Horizonte, MG.

<sup>5</sup>Médica Veterinária, MSc, Doutoranda em Nutrição Animal, Departamento de Zootecnia da Escola de Veterinária da UFMG, Caixa Postal 567, CEP 30123-970, Belo Horizonte, MG.

<sup>6</sup>Graduanda em Ciências Socioambientais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Caixa Postal 567, CEP 30123-970, Belo Horizonte, MG.

<sup>7</sup>Médica Veterinária, Mestranda em Produção Animal, Departamento de Zootecnia da Escola de Veterinária da UFMG, Caixa Postal 567, CEP 30123-970, Belo Horizonte, MG.

<sup>8</sup>Graduando em Medicina Veterinária, Escola de Veterinária da UFMG, Caixa Postal 567, CEP 30123-970, Belo Horizonte, MG.

<sup>9</sup>Graduando em Medicina Veterinária, Escola de Veterinária da FUNORTE, CEP 39404-006, Montes Claros, MG.

<sup>10</sup>Médico Veterinário, Mestrando em Nutrição Animal, Departamento de Zootecnia da Escola de Veterinária da UFMG, Caixa Postal 567, CEP 30123-970, Belo Horizonte, MG.

investir na produção agrícola. Esta deveria apresentar elevada produtividade e ocupar pouca mão-de-obra.

Com o fim da guerra os avanços tecnológicos da indústria bélica ficariam ociosos. Estas se transformaram em produtoras de tecnologias agrícolas. Assim, indústrias de armas químicas foram transformadas em produtoras de agrotóxicos, as de armamentos e tanques em produtoras de máquinas e implementos agrícolas e a de explosivos em produtoras de adubos químicos.

O conhecimento científico gerado no período passou a ser utilizado para pesquisas agropecuárias envolvendo melhoramento genético das culturas e animais, com vistas a elevação da produtividade. Esta revolução produtiva passou a definir a produção agropecuária, os insumos e as máquinas a serem utilizados e a forma de comercialização, dando origem a um modelo de produção chamado Produtivismo.

Este modelo produtivo se transforma em uma construção ideológica quando é utilizado como solução para todos os problemas do meio rural. Desta forma, de acordo com a ideologia produtivista o aumento de produtividade, pela incorporação de novas tecnologias, seria a solução para todos os problemas do meio rural.

### **Ideologia Produtivista**

Ideologia é o resultado de uma ideia, conceito, construção social, aceito por toda a sociedade, mas que beneficia a classe dominante por permitir a perpetuação de condições de desigualdade e violência. A ideologia tem força por ser aceita como verdadeira por toda sociedade. Aceitação que é gerada a partir dos fenômenos que dissimulam. Assim, uma ideologia não é forte pelo que mostra ou explica, mas sim por aquilo que não mostra e não explica (Chauí, 2017).

O Produtivismo, pode ser considerado uma ideologia justamente por não se ater nas explicações dos problemas que afetam a produção rural e sim na resposta previamente estabelecida e única para eles. Não aponta outros caminhos se não o aumento da produtividade e da produção, pela incorporação de novas tecnologias.

O favorecimento desta construção aponta sempre para o sentido da maior acumulação de capitais nos setores industriais. Afinal a solução para os problemas é vista na incorporação tecnológica. Esta cria dependência dos produtores às indústrias de insumos, onde os primeiros sempre devem inovar para a resolução de seus problemas (Dufumier e Couto, 1998).

A tendência de não explicar as origens dos problemas vem da lógica produtivista de se importar unicamente com a incorporação de tecnologias agroindustriais. Logo as questões enfrentadas pelo setor rural que podem ser produtivas, tecnológicas,

econômicas, ambientais, climáticas, culturais e de inserção aos mercados são analisadas de forma reducionista.

Um aspecto importante do Produtivismo é a inovação. Feita a partir de tecnologias industriais que desconsidera e altera a cultura dos produtores rurais. Assim, toda construção cultural elaborada pelas comunidades deve ser abandonada em benefício de uma nova lógica produtiva, pautada em inovações tecnológicas na forma de insumos.

### **Revolução Verde**

A Revolução Verde é o resultado do conjunto de inovações tecnológicas que possibilitou o aumento significativo da produtividade agrícola, após a segunda guerra mundial. Esta foi pautada em cinco pilares básicos tratamento científico da produção agropecuária, melhoramento genético para aumento da produtividade, quimificação dos sistemas (com a utilização de adubos, agrotóxicos, medicamentos veterinários), mecanização e motorização. Nesta lógica todo saber popular foi negado, apenas tendo validade o que era cientificamente comprovado, em uma perspectiva cientificista (Sampaio,2011).

A Revolução Verde se deu na forma de pacotes tecnológicos. Dever-se-ia adquirir todas as tecnologias necessárias para a implementação de um sistema de produção para que o sucesso máximo fosse alcançado. Os Pacotes Tecnológicos levaram a especialização da produção rural. A especialização aliada ao aumento de produtividade fez com que os produtores passassem a se dedicar a apenas a produção. A difusão da Revolução Verde, produzida em um modelo eurocêntrico, fez com que, apesar da diversidade edafoclimática, os sistemas agropecuários implementados em todo o mundo fossem semelhantes (Dufumier e Couto, 1998).

A utilização de material geneticamente modificado também foi fundamental para o salto produtivo experimentado durante a revolução verde. O aumento da produção por área possibilitou o aumento da produção total sem a necessidade de abertura de novas áreas, porém, novas áreas também foram englobadas pela agropecuária.

A utilização de máquinas e implementos nos processos de motorização e mecanização da agricultura possibilitou a utilização de áreas maiores com menos mão-de-obra e maior produção.

O processo de quimificação auxiliou os processos produtivos da agropecuária a minimizarem os impactos negativos causados por pragas e doenças e por possibilitar a expressão da produtividade máxima das culturas.

Estes fatores levaram a padronização dos sistemas de produção. Padronização que se deu também no âmbito econômico com a busca de insumos, mercados, compra de

insumos e venda da produção. Com a necessidade de insumos e padronização econômica já que os produtores especializados passaram a comercializar com as indústrias de transformação ou com o setor de distribuição.

Neste aspecto, a Revolução Verde é tanto o fruto do Produtivismo, quanto o fortalece. Desta forma, pode-se afirmar que este conjunto de técnicas para aumento da produtividade dos sistemas agroalimentares foi guiada por uma ideologia Produtivista, bem como seu desenrolar fortaleceu o sistema produtivista.

Esta lógica gerou inúmeros problemas de ordem social, econômicos e ambientais pelo mundo. Dentre eles, destacam-se a concentração de renda, disseminação da pobreza no meio rural, redução da margem de lucro da agropecuária, contaminação dos recursos hídricos e aquecimento global.

### **O modelo de produção Produtivista**

Com o avanço do ideal produtivista houve a padronização técnica e econômica dos processos de produção. Os produtos agropecuários passam a se comportar como commodities<sup>6</sup> em um mercado globalizado.

A ideologia Produtivista pode ser caracterizada por buscar sempre aumentos nos rendimentos da terra, na produtividade, com a redução dos custos unitários de produção, especialização do produtor, uso intensivo de insumos industriais e de capital, racionalização científica da produção, substituição dos conhecimentos tradicionais e descaso com a questão social e ambiental.

A integração de capitais promovida pelo Produtivismo levou a criação de complexos agroindustriais. Estes são compostos por indústrias de insumos, produtores rurais e indústria de processamento. Neste contexto industrial os produtores compram insumos que permitam a produção de acordo com o que a indústria de processamento deseja comprar. Obviamente a lucratividade dos produtores rurais será diretamente determinada pelos setores industriais a jusante e a montante no mercado.

A implementação do Produtivismo se deu por inúmeras imposições à padronização. A primeira imposição é de ordem técnica, o produtor deve seguir as recomendações de cada pacote tecnológico para que sua produção atinja a indústria de

---

<sup>6</sup>Commodities é o termo utilizado para se referir aos produtos de origem primária que são transacionados nas bolsas de mercadorias. São normalmente produtos em estado bruto ou com pequeno grau de industrialização, com qualidade quase uniforme e são produzidos e comercializados em grandes quantidades. Também podem ser estocados sem perda significativa em sua qualidade durante determinado período. Podem ser produtos agropecuários, minerais ou até mesmo financeiros (Branco, 2008).

processamento. Qualquer produtor que procure a produção de *commodities* necessita padronizar tecnicamente sua produção para aceitação no mercado. A padronização econômica se refere a necessidade dos produtores irem ao mercado comprar insumos e vender a produção, há também a busca pelo mercado de capital para o investimento e o custeio das atividades. O mercado globalizado passa a exigir a padronização dos produtos, esta apenas é obtida se produzida com os pacotes tecnológicos padronizados. A padronização também é consequência da formação dos produtores, o poder ideológico do produtivismo transforma a padronização em marca de qualidade na agropecuária. As indústrias processadoras e as medidas regulamentadoras impõem à padronização produtiva quando exigem a padronização para industrialização. Esses fatos contribuíram muito para o fortalecimento do produtivismo.

Porém o aumento da escala produtiva e da produtividade das culturas apresenta limites. O modelo produtivista possui limites em si mesmo, dentre estes estão a degradação ambiental, a limitação no uso de recursos não renováveis (como os adubos químicos e combustíveis fósseis). Outro grave impacto do produtivismo é a desigualdade social gerada por sua implantação. Este modelo serve a produção agrícola tecnicada, com acesso ao mercado de capitais, feita em grandes propriedades. Desconsidera as particularidades e anseios da agricultura familiar, e não se adequa a ideais de produção que valorizem a convivência harmônica com o meio ambiente.

### **O Produtivismo no Brasil**

Pode-se afirmar que o modelo Produtivista foi implementado no Brasil durante a modernização conservadora, política de Estado desenvolvida entre os anos de 1965 e 1979. Pautada na distribuição desigual de créditos rurais subsidiados para a compra de insumos e incorporação de novas áreas a produção. Esta, por si só, foi grande geradora de impactos sociais e ambientais (Prado, 1999). No Brasil os impactos negativos do produtivismo, tanto do ponto de vista ambiental como social, foram relacionados a política do estado de modernização agrícola.

Porém no período da modernização conservadora não se pode caracterizar um modelo produtivista em plena ação. Apesar do massivo investimento estatal para a modernização os índices de produtividade não aumentaram como esperado. Somente na segunda metade dos anos 1980 e na década de 1990 a produtividade de fato aumenta, com o modelo produtivista funcionando plenamente.

Se no campo o Produtivismo demorou até a década de 1990 para sua completa assimilação, o mesmo não pode se dizer da ciência. É nas ciências agrárias brasileiras que o produtivismo se impõe como ideologia de formação de novos profissionais. Deste modo, os cursos vinculados a área de conhecimento das ciências agrárias passam a relacionar a solução dos problemas do meio rural a questões técnicas que deviam ser

respondidas pela ciência. Criando recomendações técnico-científicas que em geral não levavam em conta aspectos sociais ou ambientais.

No Brasil, é nesse contexto que nascem as empresas de pesquisas agropecuárias estaduais e federais, como a EPAMIG (Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais) e EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária). Além disso, há aumento no aporte de recursos financeiros para as universidades de ciências agrárias.

A extensão rural desenvolvida no Brasil também possui marcas produtivistas. Sua origem se dá em meio a expansão dos pacotes tecnológicos da revolução verde fundamentados pela ideologia produtivista. Os profissionais passam a difundir pacotes tecnológicos e insumos agroindustriais e veem os produtores como objetos aos quais lhes é dado o direito de transformar, manipular e influenciar. Afinal o único saber válido para o produtivismo é o chancelado pela ciência.

### **Crise do Produtivismo**

O Produtivismo entrou em crise (Dufumier e Couto, 1998) na década de 1980 e foi superado em alguns países desenvolvidos. Os determinantes para o questionamento e posterior crise foram os impactos de ordem social, econômica e ambiental. Nos países do capitalismo periférico, como é o caso do Brasil, o produtivismo é criticado, porém não entra em crise. Assim, o produtivismo continua a ser a ideologia dominante para a produção agropecuária.

O determinante para a crise do produtivismo nos países ricos são os impactos sociais. Logicamente a degradação ambiental sensibilizou estas sociedades em busca de modelos alternativos de produção.

Os impactos sociais gerados pelo produtivismo são relacionados à concentração da posse da terra, da renda e fortalecimento do latifúndio, queda de eficiência na aplicação de recursos financeiros na agricultura, desvios de recursos para outras aplicações, queda na eficiência técnica, na produtividade e na renda, aumento do subemprego, do desemprego e do êxodo rural, aprofundamento das desigualdades sociais e regionais e deterioração na qualidade de vida das populações (Dufumier e Couto, 1998). Todos estes inerentes a própria lógica produtivista de aumento de produtividade, economia de escala e mecanização que se impuseram aos produtores rurais.

O modelo também trouxe impactos para os consumidores. A vinculação dos produtos agropecuários a indústrias de processamento fez com que um novo padrão alimentar fosse criado. A padronização econômica proporcionou o controle do mercado de alimentos pelo setor de distribuição, independente dos esforços produtivos engendrados pelos agricultores.

A artificialização do meio, proposta pelo produtivismo, naturalmente levou a impactos ambientais. A degradação da estrutura física do solo em função do peso e do uso intensivo das máquinas e equipamentos, bem como a compactação dos solos, são impactos gerados pelo modelo produtivista. Como impacto direto da quimificação tem-se a contaminação dos cursos d'água, de alimentos e do ar com agrotóxicos e adubos químicos. A supressão radical de árvores nos campos de cultivo para maior eficiência no uso de máquinas e na aviação agrícola. Aliado a todos estes fatores a utilização inadequada de algumas áreas proporciona a redução dos mananciais d'água e erosão. O manejo inadequado do solo, determina assoreamento dos cursos d'água e redução do lençol freático e a extinção de espécies selvagens e daquelas vistas sem interesse produtivo. Também a modificação da qualidade organoléptica e nutricional dos produtos agroalimentares, é vista como impacto relevante. De uma forma geral o modelo produtivista contribui em larga escala para poluição e aquecimento global.

Acerca desses impactos ambientais é necessário salientar que durante os últimos anos muitas tecnologias produtivas para reduzir o impacto ambiental foram desenvolvidas. Dentre elas se destacam, o plantio em curva de nível, plantio direto, abate precoce de animais, consórcio de culturas, utilização de sistemas integrados de produção, controle biológico de pragas dentre outros.

Estes impactos ambientais e socioeconômicos foram tolerados nas primeiras décadas do pós-guerra onde o discurso desenvolvimentista, de um capitalismo pujante, que solucionava aos problemas vivenciados após a segunda guerra. Porém a crise do capitalismo, na segunda metade dos anos 1970, além de externalizar os problemas sociais da lógica produtivista, ao reduzir os subsídios à produção agropecuária, demonstrou a inviabilidade do modelo produtivista. Os resultados econômicos já não poderiam mais ser apresentados como compensadores dos impactos ambientais e sociais.

Ganha força o questionamento do produtivismo. Este passa a ser amplamente criticado nos países de capitalismo central como degradadores dos recursos naturais, da qualidade de vida humana e empecilho para a sustentabilidade das novas gerações. Durante a década de 1980 estes países passam então a buscar formas mais sustentáveis e saudáveis de produção agropecuária, rejeitando os sistemas produtivistas.

Deve-se atentar para o fato de que nos países periféricos, subdesenvolvidos, pobres, o produtivismo continuou e continua a ser a ideologia que guia a produção agropecuária. Porém os impactos ambientais e sociais não puderam ser ignorados nestes países, onde houve questionamentos ao modelo. Porém, estes não foram capazes de gerar a crise e muito menos a superação do produtivismo.

### **Neoprodutivismo**

Com o questionamento e crise do produtivismo surge uma nova ideologia envolvendo a produção agropecuária. Como esta denominação ainda está em disputa, utilizaremos aqui a proposição que reconhece a ideologia que se opõe ao produtivismo como Neoprodutivismo. Importante atentar que esta formação ideológica abriga uma infinidade de modelos produtivos. Deste modo, o Neoprodutivismo foi implementado em países desenvolvidos após a crise dos sistemas produtivistas, na década de 1980.

Esta ideologia produtiva, que nega completamente o Produtivismo, busca de forma genérica produtos saudáveis, livres de agrotóxicos, sustentáveis e que não causem impactos ambientais, sociais e econômicos negativos. Os países europeus como a França, a Alemanha, a Inglaterra, a Suécia, a Suíça, a Bélgica e a Itália são exemplos de superação do modelo produtivista. Porém, diferentemente do produtivismo, esta lógica não busca a padronização dos processos e produtos, nem mesmo a uniformidade nos objetivos da produção.

Um questionamento que fica é, porque alguns países rompem com o produtivismo e outros não? Os principais requisitos para superação do modelo produtivista em uma sociedade são, em ordem de importância, renda, educação (desenvolvimento do pensamento ecológico, conhecimento das formas de produção e processamento dos alimentos), organização de consumidores que tenham o poder de impor ao mercado os produtos que desejam consumir e que estão dispostos a pagar por eles, estado regulamentador que legisle em favor do que desejam estes consumidores e instâncias públicas de reclamação onde os consumidores possam se manifestar em relação à atenção àquilo que julgam como éticos.

É fácil perceber que a mudança neste caso parte da demanda dos consumidores. Na verdade, são eles que passam a requerer e valorizar uma nova forma de produção. Neste aspecto a renda é o principal fator que possibilita a ruptura com o modelo produtivista. Assim, o Neoprodutivismo apenas é possível em países cuja parcela do orçamento dedicada à alimentação é pequena. A produção de produtos de alto valor nutricional e alto valor agregado é realizada em sistemas tradicionais que utilizam muita mão-de-obra. Para que o produtor continue produzindo de forma correta, poluindo menos o meio ambiente é necessário que o mercado consumidor tenha renda alta para sustentar este sistema. Em países como o Brasil onde os gastos com alimentação representam grande parte do orçamento familiar as escolhas dos produtos por parte da maioria da população se baseiam no menor preço e não na maior qualidade, inviabilizando o processo de rompimento com o produtivismo.

A educação da população também é um fator primordial para a criação de uma consciência global de proteção ambiental. Estes processos educacionais consistem no desenvolvimento de consciência ecológica com exigência de processos e produtos ecologicamente limpos (Dufumier e Couto, 1998).

A organização dos consumidores conscientizados da necessidade de proteção ambiental atua como forte pressão sobre os produtores para obtenção de produtos limpos. Essa organização atua também sobre o poder público para regulamentação e fiscalização da qualidade. As instâncias públicas de reclamação atuam como uma ouvidoria quanto aos problemas relacionados aos produtos e às novas demandas. Por fim, a presença de Estado regulamentador é fundamental para fiscalização dos processos produtivos e da comercialização dos produtos.

No Neoprodutivismo não se prevê um único modelo de produção. Estes dependerão dos aspectos éticos valorizados pelo mercado consumidor e das condições ambientais. Alguns modelos produtivos que se opõem a lógica produtivista são: a revolução duplamente verde, a agroecologia, a agricultura orgânica, a biodinâmica, a agricultura biológica, a permacultura entre outros. Estes consistem em inovações radicais, porque independem das empresas do agronegócio e buscam desenvolver a produção agrícola com a menor agressão possível ao ambiente, com utilização intensiva de mão-de-obra, e atuação em nichos de mercado que apresentam alta remuneração como a floricultura, a produção de animais silvestres, as ervas medicinais e aromatizantes, a aquicultura e a horticultura diversificada.

As práticas Neoprodutivistas, ao contrário do que muitos poderiam prever, não partem da condenação ao uso da tecnologia. O princípio básico é a adequação da tecnologia disponível ao ambiente do produtor e a utilização de tecnologias que possibilitem a melhora da produção agropecuária e da qualidade dos produtos, dentro dos valores desejados pelo mercado consumidor.

### **Transformações determinadas pelo Produtivismo**

A implementação do Produtivismo gerou uma série de transformações no meio rural. Estas são relacionadas pela escala produtiva e pela relação humana com o ambiente, pela distribuição de renda e alocação da mão-de-obra no setor.

A superprodução de produtos agrícolas estimulada pelas políticas públicas e implantação dos pacotes tecnológicos da revolução verde, levou à relativa estabilidade de preços. O maior volume de produtos agrícolas que chega ao mercado provoca redução ou estagnação dos preços praticados nos mercados. O que não constituiria em problema se os custos dos insumos e recursos naturais não renováveis como adubos e combustíveis fósseis não sofressem aumentos ao longo dos anos (Hofer, et al., 2009; Callado e Callado, 1999)

A destruição ambiental e o impacto nas paisagens são outras características marcantes do Produtivismo. A emissão de gases do efeito estufa, o aquecimento global, processos de desertificação, a extinção de espécies silvestres ou de pouco interesse produtivo, o derretimento das calotas polares e a mudança do regime pluviométrico são

exemplos de impactos ambientais atrelados a agropecuária. A destruição ambiental ainda causa impactos sobre a paisagem rural. Estes impactos se referem a supressão da vegetação nativa e da topografia natural para maximização do desempenho da agropecuária. A destruição causa grande depreciação visual do ambiente rural.

O desenvolvimento dos sistemas produtivistas em locais onde era possível obter maiores produções e maior mecanização da produção gerou grande disparidade econômica entre as regiões. Naquelas com maiores índices pluviométricos, relevo favorável e melhor fertilidade do solo as atividades alcançaram maiores produtividades e rentabilidade. O mesmo não aconteceu em áreas de menor índice de chuvas, relevo desfavoráveis e solos de baixa fertilidade, determinando as diferenças regionais. Por outro lado, os produtores que por vários motivos questionaram e não aderiram ao Produtivismo se viram desfavorecidos pelos mercados. O mesmo pode-se dizer das comunidades excluídas do processo de modernização agrícola. Esses são fatores que contribuíram para o crescimento das desigualdades na renda gerada pelos avanços tecnológicos entre agricultores e entre regiões.

Outra transformação implementada pelo Produtivismo foi a redução na necessidade de mão-de-obra para a realização das atividades agropecuárias. Nas unidades de produção patronal levou à demissão de trabalhadores e trouxe mudanças na organização do trabalho na produção familiar. Com a implementação de tecnologias poupadoras de mão de obra houve a individualização das propriedades familiares. Se antes a necessidade de trabalho era suprida pela mão de obra das propriedades vizinhas, com o produtivismo os produtores passaram a ser “autônomos” na escolha do produto e dos sistemas de produção. Por outro lado, a implementação de tecnologias poupadoras de mão de obra também possibilitou a liberação gradual de parte do núcleo familiar para outros setores da economia, como o secundário e o terciário, com a emergência da pluriatividade e das atividades não-agrícolas no espaço rural, com inserção de parte do núcleo familiar a outras atividades, agrícolas e não-agrícolas. Ou seja, a unidade de produção familiar passou a se dedicar também a trabalhos em outros setores da economia.

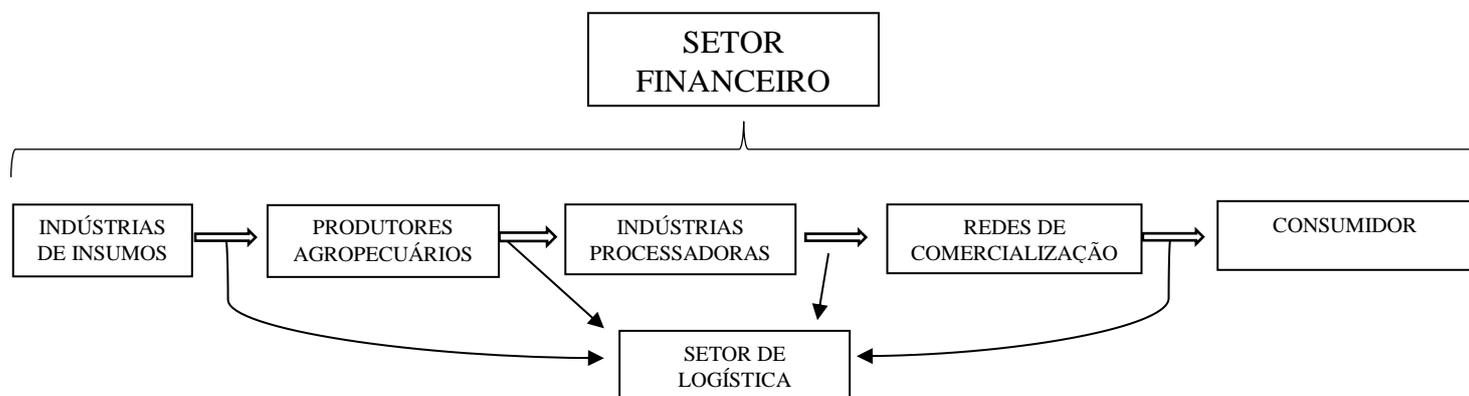
#### *Rupturas provocadas pelo Produtivismo*

A implantação do Produtivismo gerou uma série de transformações nas relações tradicionais do padrão de consumo das sociedades, do uso e da ocupação da terra, preservação do meio-ambiente e da organização das formas de produção. Estas transformações culminaram em rupturas entre agricultura e alimentação, entre agricultura e território, da ordem demográfica, entre a agricultura e o ambiente, e a ruptura do modelo familiar e a individualização das propriedades. (Schneider, 2003)

A ruptura entre agricultura e alimentação tem como determinante a criação dos complexos agroindustriais. Esse processo é conhecido como caificação da agricultura

(Figura 1). A caificação é um termo associado ao crescimento e ganho de importância dos Complexos Agroindustriais, é utilizado para denominar o processo de padronização da produção, processamento e relações comerciais na agropecuária.

Figura 1: Organização setorial do processo de caificação da agropecuária nacional.



A partir da implantação destes complexos são as grandes corporações que definem o tipo de alimento que chega à mesa do consumidor. Isso acontece porque os produtores perdem sua função histórica de produzir alimentos e passam a produzir matéria-prima para as indústrias processadoras. O processamento da matéria-prima, sua transformação em alimento e as características do alimento passam a ser definidos pela indústria.

Com esta perda de identidade produtiva as qualidades nutricionais e sanitárias dos alimentos são afetadas. O produtor não se identifica como produtor do alimento que chega à mesa do consumidor, apenas como aquilo que chega à indústria como matéria-prima. Neste contexto, o produtor de alimentos se torna alienado do seu papel de produtor de alimentos. Assim, perde-se a complexidade dos impactos que os insumos químicos e agroquímicos podem trazer aos consumidores e a saúde da população, uma vez que não relacionam a produção ao consumidor, mas sim a indústria.

A ruptura entre agricultura e o território refere-se à concentração da atividade agrícola em determinadas regiões que apresentam maior vantagem comparativa. Vantagem comparativa é um termo utilizado para condições de logística ou de produção que a tornam mais rentável em determinada região em detrimento de outras. Independente da tradição cultural local, a produção agropecuária irá migrar em direção as regiões com maiores vantagens comparativas.

A ruptura da ordem demográfica é um fenômeno decorrente da redução da população ocupada em atividades agrícolas. A mecanização das atividades agrícolas e a baixa remuneração da mão-de-obra reduziram os postos de trabalhos rurais. Nas unidades de produção familiar o resultado direto é a liberação de parte da mão de obra para o trabalho em outros setores da economia.

A ruptura entre agricultura e meio ambiente pode ser vislumbrada nos impactos ambientais gerados pelo Produtivismo. O progresso técnico afetou a harmonia entre o produtor rural e sua relação com a natureza (Schneider, 2003). Com uma nova concepção capitalista para o meio rural, o produtor deve produzir em larga escala, e o ambiental passa a ser visto como um fator de produção capitalista que deve ser alterado na busca de maior rentabilidade e eficiência. Essa ruptura que gera menor preocupação ambiental, mas também as alterações culturais. O ambiente passa a ter um novo significado para estas comunidades.

A ruptura do modelo familiar e individualização das propriedades é um processo decorrente da crescente utilização de tecnologias poupadoras de trabalho no meio rural. Com a utilização de novas tecnologias uma parte dos membros da família puderam passar a se dedicar a atividades em outros setores da economia, fortalecendo as atividades não-agrícolas no meio rural. Porém, a ocupação da mão-de-obra rural em atividades não agrícolas não determinou a migração da população para o meio urbano. Esta permanece morando no meio rural, estabelecendo assim, um novo tipo de agricultura familiar chamada de Pluriativa.

### **Ocupações não-agrícolas no meio rural**

É notável que o emprego agrícola está em declínio tanto em termos relativos quanto absolutos. Mesmo em regiões essencialmente rurais são os setores não-agrícolas que oferecem crescentemente as maiores possibilidades de emprego (Schneider, 2003). Não há uma relação direta entre o domicílio rural e a ocupação no emprego agrícola.

A partir dos anos 1980 o meio rural passa a ser caracterizado pela mobilidade dos indivíduos para o meio urbano. Tem-se início a ressignificação e valorização da cultura do meio rural no urbano e a difusão da cultura urbana entre as comunidades rurais. Há facilidade da mobilidade, em tempo parcial ou integral, de indivíduos entre estas regiões.

Em países desenvolvidos as atividades não-agrícolas no meio rural estão em expansão devido à modernização tecnológica, que leva a ociosidade potencial de parte da mão de obra. Porém a queda nas rendas agrícolas, a implementação de políticas públicas de valorização e apoio a Pluriatividade, e a migração de industriais para regiões rurais são também importantes para a expansão destas.

Na América Latina e no Brasil o fenômeno da combinação de ocupações agrícolas e não-agrícolas é considerado comum e vem aumentando nos últimos anos, estimativas apontam que 40% das rendas dos habitantes rurais da América Latina decorre delas (Schneider, 2003). Neste contexto, a redução da população ocupada em atividades agrícolas não significa que haja uma retomada do êxodo rural. A partir dos anos 80, a

queda do emprego agrícola tem sido compensada parcialmente pela ocupação em atividades não-agrícolas.

O meio rural brasileiro passou por uma série de transformações no emprego da mão-de-obra após a modernização da agropecuária. Atualmente a maioria das famílias são pluriativas e combinam vários tipos de atividades e ocupações em uma mesma unidade familiar. Assim, já não se pode mais ser associado apenas à produção agrícola e pecuária, sendo necessário entender o Novo Rural Brasileiro (Silva, 1999), suas transformações e suas configurações de trabalho. Essas transformações que se devem à urbanização do campo, crise do setor agrícola, dificuldade de crescimento do setor e a interiorização de indústrias.

A urbanização do campo é o fenômeno de transbordamento das cidades e do mercado de trabalho urbano para as áreas rurais situadas em seu entorno. O resultado deste processo é o estabelecimento de moradias secundárias, pesque-pague, chácaras de recreio e ecoturismo, estas geram demanda por serviços não-agrícolas como: jardinagem, pedreiros, motoristas dentre outros. Com a ampliação da oferta de empregos não-agrícolas no meio rural e as possibilidades de pluriatividade das famílias.

A crise do setor ocorrida no final da década de 1970, oriunda da modernização tecnológica baseada na oferta de crédito altamente subsidiado, gerou uma mudança nas políticas públicas de financiamento da agropecuária. Com o fim da oferta de crédito a rentabilidade agrícola passou por grave redução. Na década de 1990 as políticas econômicas de abertura comercial e valorização cambial agravaram ainda mais o problema da queda das receitas agrícolas. A menor remuneração do setor agropecuário no Brasil incentiva a busca por renda em outros setores da economia.

A interiorização de indústrias, como têxteis, vestuário, calçados e processamento de alimentos é outro fator de incentivo a ocupações não agrícolas no meio rural. A disponibilidade de empregos em áreas próximas ao meio rural possibilita que o núcleo familiar continue exercendo atividades agrícolas associadas a trabalhos não-agrícolas.

A Pluriatividade pode envolver estrategicamente práticas Neoprodutivistas como o atendimento a nichos de mercado, como aquele de produtos artesanais. É neste sentido que estes dois fenômenos contribuem para a redução dos impactos ambientais, entrada de capitais de outras fontes, que não apenas a produção agropecuária. O que pode ser associado a redução da pressão sobre o ambiente, com produção menos intensiva e menor utilização de insumos. Estes fenômenos são positivos tanto para a redução dos impactos sociais e ambientais, provocados pelo modelo produtivista.

## **Conclusões**

O produtivismo se configura como uma formação ideológica que reduz toda a problemática a aspectos técnicos, tendo no aumento da produtividade a resolução de todo e qualquer problema relacionado ao meio rural.

A padronização de pacotes tecnológicos regidos pela ideologia produtivista impulsionou a produção agropecuária no mundo. Porém, o descaso com a sustentabilidade dos sistemas fez com que o Produtivismo entrasse em crise nos países desenvolvidos na década de 1980. A degradação dos recursos naturais, o aumento da pobreza e da desigualdade no campo e a baixa remuneração dos sistemas geraram a necessidade de remodelar os sistemas de produção.

O Neoprodutivismo consiste em uma lógica produtiva que se opõe ao produtivismo, possibilita o surgimento de sistemas de produção que reduzem a agressão ao ambiente e atendam as demandas dos mercados consumidores mais exigentes.

Em países subdesenvolvidos, como o Brasil, o Produtivismo continua sendo a ideologia dominante no que concerne à produção rural.

O número de empregos agrícolas vem caindo gradualmente em todo o mundo, a pluriatividade da mão-de-obra do núcleo familiar rural surge como um fenômeno marcante nas famílias agrícolas.

A concepção ideológica dos sistemas produtivos é considerada como geradora da configuração produtiva do meio rural, entender as diferenças entre o Produtivismo e o Neoprodutivismo são fundamentais para que os profissionais da área de ciências agrárias possam compreender o cenário produtivo e em qual contexto a produção se insere. Além disso, compreender a formação ideológica dos produtores facilita a interpretação de seus sistemas produtivos, de suas estratégias de produção e a fundamentação de suas escolhas.